

POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

ANGÉLICA FREITAS (1973-)

era uma vez uma mulher
e ela queria falar de gênero

era uma vez outra mulher
e ela queria falar de coletivos

e outra mulher ainda
especialista em declinações

a união faz a força
então as três se juntaram

e fundaram o grupo de estudos
celso pedro luft

*

uma mulher incomoda
é interdita
levada para o depósito
das mulheres que incomodam

loucas louquinhas
tantãs da cabeça
ataduras banhos frios
descargas elétricas

são porcas permanentes
mas como descobrem os maridos
enriquecidos subitamente
as porcas loucas trancafiadas
são muito convenientes

interna, enterra

*

uma mulher gostava muito de escovar os dentes
escovava-os com vigor
escovava-os de manhã de tarde e de noite
os três melhores momentos do dia

escovava-os com muita pasta
num movimento circular
alternando as arcadas
enquanto recitava

para dentro para baixo
o sutra prajnaparamita
ou a canção if i had a hammer

ao cuspir sentia-se muito melhor

*

queridos pai e mãe
tô escrevendo da tailândia
é um país fascinante
tem até elefante
e umas praias bem bacanas

mas tô aqui por outras coisas
embora adore fazer turismo
pai, lembra quando você dizia
que eu parecia uma guria
e a mãe pedia: deixem disso?

pois agora eu virei mulher
me operei e virei mulher
não precisa me aceitar
não precisa nem me olhar

mas agora eu sou mulher

*

a mulher é uma construção
deve ser

a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual
tudo rebocado
só muda a cor

particularmente sou uma mulher
de tijolos à vista
nas reuniões sociais tendo a ser
a mais mal vestida

digo que sou jornalista

(a mulher é uma construção
com buracos demais

vaza

a revista nova é o ministério
dos assuntos cloacais
perdão
não se fala em merda na revista nova)

você é mulher
e se de repente acorda binária e azul

e passa o dia ligando e desligando a luz?
(você gosta de ser brasileira?
de se chamar virginia woolf?)

a mulher é uma construção
maquiagem é camuflagem

toda mulher tem um amigo gay
como é bom ter amigos

todos os amigos têm um amigo gay
que tem uma mulher
que o chama de fred astaire

neste ponto, já é tarde
as psicólogas do café freud
se olham e sorriem

nada vai mudar –

nada nunca vai mudar –

a mulher é uma construção

LUBI PRATES (1986)

mátria e/ou terra-mãe

repetem repetem
mátria
com tanta certeza
como se a palavra
existisse
no dicionário
o último lugar de validação.

mas não é mãe
se permite
que te arranquem
o solo e os pés
no mesmo instante

não é mãe
se inventa um navio
quando te jogam
ao mar
se força as ondas
pra que chegue
mais rápido
ao desconhecido

não é mãe
se permite que grite
até a rouquidão
mas num idioma
que ninguém compreende.

repetem repetem
mátria
com tanta certeza
como se a palavra
existisse
no dicionário
o último lugar de validação.

de onde eu vim
pra onde sempre vou
eu chamo pátria.

não foi um cruzeiro

meu nome e
minha língua

meus documentos e
minha direção

meu turbante e
minhas rezas

minha memória de
comidas e tambores

esqueci no navio
que me cruzou
o Atlântico.

para este país

para este país
eu traria

os documentos que me tornam gente
os documentos que comprovam: eu existo
parece bobagem, mas aqui
eu ainda não tenho esta certeza: existo.

para este país
eu traria

meu diploma os livros que eu li
minha caixa de fotografias
meus aparelhos eletrônicos
minhas melhores calcinhas

para este país
eu traria
meu corpo

para este país
eu traria todas essas coisas
& mais, mas

não me permitiram malas

: o espaço era pequeno demais

aquele navio poderia afundar
aquele avião poderia partir-se

com o peso que tem uma vida.

para este país
eu trouxe

a cor da minha pele
meu cabelo crespo
meu idioma materno
minhas comidas preferidas
na memória da minha língua

para este país
eu trouxe

meus orixás
sobre a minha cabeça
toda minha árvore genealógica
antepassados, as raízes

para este país
eu trouxe todas essas coisas
& mais

: ninguém notou,
mas minha bagagem pesa tanto.

Ele não me viu com a roupa da escola, mãe? (Marcos Vinicius da Silva, 14 anos,
assassinado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro)

e ainda que
eu trouxesse

para este país

meus documentos
meu diploma
todos os livros que li
meus aparelhos eletrônicos ou
minhas melhores calcinhas

só veriam
meu corpo

um corpo
negro.

ADELAIDE IVÁNOVA (1982-)

os anos noventa

você não estava lá nas coisas mais decisivas da minha vida
mas é assim mesmo: historiadores e arqueólogos
nunca estiveram presentes pra testemunhar
os levantes coletivos isso fazem os jornalistas e os

videntes você era apenas um menino quando
kurt cobain morreu nem poderia ainda saber o dano
que causaria sua existência de crisálida taurino e
primaveril quando meu destino cruzasse com o seu

e andaríamos de mãos dadas e suando verão afora
como se fosse o primeiro (e era) berlim não era
tão esplendorosa quanto seu cachos jakob mas você
nunca soube o que foi ter 16 anos em recife na década

de noventa FHC presidente desemprego torneiras secas
filariose cólera sem vale do rio doce mas tinha chico science
abril pro rock o pior é agora não tem berlim não tem recife
não tem chico science não tem kurt cobain nem você mas FHC

ainda tem

sobre uma foto no huffington post, em 01 de novembro de 2015

de que adianta esse pôster de madonna na
parede da cozinha indicando de qual lado
estou se na papua nova guiné continuam
linchando mulheres a quem chamam de bruxa
a papua pode até ser guiné mas nisso não
tem nada de nova e se for para queimar uma
mulher por bruxaria que queimem logo todas

de que adianta beyoncé avisando que vai sentar
o rabo na cara do boy e de que adianta eu me
inspirar nisso para fazer igual ou parecido se na

papua nova guiné sentam senhoras em telhas de
brasilit e com elas amordaçadas abrem nacos de
carne e sangue que na foto escorria pelas rugas da
telha pelas rugas das costas da mulher essa mulher
de cabelo curto e preto de costas na foto parecia a
minha mãe eu perdi o controle não consegui mais
almoçar e sei que não vou conseguir dormir mas

de que adianta minha insônia e meu jejum e esse
poema se na papua nova guiné não iriam entendê-lo
e mesmo a compreensão dele não salvaria a vida da
mulher e mesmo no brasil onde se pode entendê-lo já
se sabe que poemas tal qual leis não mudam nada tudo
sobre isso já foi legislado e dito em todas as línguas
também em português mas meu deus

de que adiantaria meu silêncio?
de quem estaria meu silêncio a serviço?

POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

MANUEL DE FREITAS (1972-)

Errata

Onde se lê *Deus* deve ler-se *morte*.
Onde se lê *poesia* deve ler-se *nada*.
Onde se lê *literatura* deve ler-se *o quê?*
Onde se lê *eu* deve ler-se *morte*.

Onde se lê *amor* deve ler-se *Inês*.
Onde se lê *gato* deve ler-se *Barnabé*.
Onde se lê *amizade* deve ler-se *amizade*.

Onde se lê *taberna* deve ler-se *salvação*.
Onde se lê *taberna* deve ler-se *perdição*.
Onde se lê *mundo* deve ler-se *tirem-me daqui*.

Onde se lê *Manuel de Freitas* deve ser
com certeza um sítio muito triste.

Duas vezes nada

É assim, amiga. Encontramo-nos
quando calha nos bares de antigamente,
deixando que sobre o tampo azul
das mesas volte a pousar
um baço cemitério de garrafas.

Constatamos o pior, os seus aspectos.
Corpos e livros que foram ficando
por ler na voracidade da noite de Lisboa.
De facto, crescemos em alccolémia,
acordamos tarde, em pânico,
e perdemos os dias e os dentes
com uma espécie de resignação.
(Não temos, ao que parece, serventia.)

Sorrimos um pouco, ao terceiro
gin, como quem renasce para a morte,
seus gestos de ternura ou de exuberância.
Talvez tenhamos calculado mal
o ângulo da queda, esta vitória
sem nobreza dos venenos todos.

Mas agora é tarde. Tudo fechou
para nós, para sempre. O amor,
o desejo, até o onanismo da destruição.
Antes de procurares a esmola
do último táxi, fica esta imagem
parada, a desvanecer-se
no frio mais frio da memória:

não dois corpos sentados a trocarem
medo, cigarros e palavras póstumas,
mas duas vezes nada, ninguém,
o silêncio da noite destronando
as cadeiras onde por razão nenhuma
nos sentámos. Os anos, amiga, passaram.

The heart of saturday night

Noites. Demasiadas noites,
sobre um cinzeiro repleto
onde os nomes dos amigos que
não tinhas deixaram de caber.

E, no entanto, parecia tão fácil.
O acaso de uma boleia
que te pusesse à mercê de um charro
e das piores companhias.
Quase gostavas do abandono
que cerzia solidão e solidão,
entre esses que bebiam
por cima de escuros degraus,
parados num arco como nunca viste.

Desceste, voltas a descer com eles,
para a mesma áspera certeza.
Nomes que naufragavam,
evocações inúteis. A casa
que mais querias foi sempre essa:
o esquecimento.

Retrato de poeta desconhecida (I)

Abordou-me em frente à
Brasileira, na fria tarde
de Janeiro. Hesitante,
segurava uma mochila preta.
Pensei que ia pedir uns trocos,
cigarros, respostas inúteis
a um inquérito de passagem.

Enganei-me. Afinal, estamos
todos demasiado habituados
a dizer que não. Queria apenas
saber se eu gostava de prosa
- ou de poesia. Se gostasse,
tinha um livro para me mostrar, dela,
que vendia com dedicatória e tudo.

Embaraçado, não quis ver
- e caiu-me redondo o sorriso,
ao perceber-lhe no rosto o desânimo.
A culpa, essa, chegou pouco depois.

Nunca saberei se falava
com a melhor ou a pior
poeta da minha geração.
Mesmo em frente à *Brasileira*,
sob o frio irrespirável de Janeiro.

Love me tender

Estou cansado de pessoas.
Contudo, sentado ao balcão
e sua garrida mini-saia, Daisy
insiste em chorar sobre a quinta imperial.

Ainda bem que neste bar
não são admitidos pessoanos
(seria concorrência desleal,
convenhamos). E contudo Daisy
chora, esconde o rosto em lenços
de papel expressamente concebidos
para atenuar o desamor
e precaver a melancolia atípica.

Daisy chora, chora - e eu,
que nem disso sou capaz,
prometo a mim mesmo
deixar de sair à noite e começar
a escrever poesia metafísica.

CLÁUDIA R. SAMPAIO (1981-)

ninguém conhece o infinito

A culpa é tua se dizes sempre
o mesmo nome
se tens sempre a mesma idade
e a mesma casa, se quando
revelas a tua identidade
é impossível que o céu te exploda
e que te acudas de incertezas
e de novos buracos.

A culpa é tua se ainda não
morreste, se nunca te
atrincheiraste à espera
de uma bomba que te mude os olhos
se nasces sempre no mesmo dia.

Não te aflijas.

Estás sempre a tempo de não
dormires na mesma posição
(com a mão aberta em esmola)

Também me custa
sobreviver a estes dias
mas o que ainda não chegou
é infinito.

*

Serotonina

Deveríamos escolher ir para a esquerda
ou para a direita
é que sempre em frente, desalinhados
não chegaremos nem mais um passo
os teus pés nunca me acompanham
dizes tudo como nada, nada importa
eu sempre mais atrás.

Agora há horas a mais e as portas
batem-me na cara
andamos em redemoinho, uma centrifugação
de comida estragada
azedámo-nos
já não nos fazemos a digestão, andas
aqui para cima e para baixo como os
pimentos
não entras nem saís, não me dás
casa
vivo na rua desde que me puxas os lençóis
mudamos de abrigo e aposto
que chegas lá primeiro
eu fico sempre para trás
a ver o que perdemos.

Vou, mas fico
a autocomiseração é mais indigesta
que os teus passos à frente
e eu também preciso de me alinhar
bater continência à vida e alargar a boca
para os lados, coisa que não
me tem acontecido.

Tenho tudo pronto.

Andei a varrer os restinhos de serotonina
que nem me encham um saco
vieram misturados com cabelos e
pequenas farpas de madeira das
portas que batem, mas espero que chegue
deixo-te à entrada os meus sapatos
que nunca estão ao teu lado na rua,
sempre um metro mais atrás, como
a distância da minha vida à tua

vou descalça

*

erro de sintaxe

De comunicação não percebo nada
gosto é de genocídios de palavras
de caçar coelhos só com sílabas
disparar sobre tudo
apenas com uma junção de letras
até ficar sozinha, só eu
e a minha incompreensão
que nunca é a dos outros, que
usam sempre outra sintaxe.

Não sou capaz é de silêncio
não dá lucro, não faz viver
o silêncio incorpora sempre
uns braços cruzados, uma desistência
pendurada na língua
um ar de lesma muda, sem opinião
e eu até posso perder

mas aos pulos, de socos no ar
montada num canhão de bandeira
hasteada a disparar a minha sintaxe
não a dos outros, que é deles
não quero nada que não me pertença, nunca quis
e das poucas coisas que tenho
é o que me sai da boca
que mesmo que já mastigado
não me deixa a barriga vazia.

Se não me faço entender
é porque nem sempre é fácil admitir que
sou a primeira a render-me
tantas vezes que nem aqui estou
que nunca sei quando venho
tantas vezes não quero desistir
que nem chego ao começo
já sei que é uma ousadia querer compreensão
de nada serve,
cada um tem uma, muito própria
e a subjectividade é inabalável

Seriam precisos infinitos livros para
me exprimir, para chegar por palavras
à compreensão, à minha.
Mas mesmo assim,
nunca seria a dos outros.

*

genocídio poético

Pudesse eu arrebatá-los
com o que escrevo

ver-vos em fila a tombar que nem
tordos
queda em dominó à escala mundial

pudesse eu espetar-vos os dedos nos olhos
cegar-vos, mutilar-vos
arrancar-vos uma unha em cada sílaba
dilacerar-vos em cada letra
comer-vos um dia de vida à dentada por cada

pensamento meu
que vos explodissem as almas, as casas
e os carros
os empregos e as contas, o sexo
e o nexo
que vos acabasse o rumo, a certeza
a gentileza e a boa vontade

que se transformassem todos
num limão ainda mais amargo que eu
e que depois me espremessem
vocês, este mundo e os outros,
até ao meu infinito.

*

Realismo

Tinhas a mesma vontade que eu
de louvar a imperfeição
de chamar as coisas pelos nomes

mesmo as que nem chamar se chamam
e o desatino do extremo cansaço.
É por isso que a nossa felicidade,
a que nem sabemos se é
(mas podemos fingir)
está na tristeza que aclamo, logo ao despontar do dia
e na rotina que me despejas, por vezes,
ao fechar da noite.
A minha fé está na dedicação
com que arrumas a loiça lavada
e a tua,
está na emoção com que ajeito os lençóis
antes de fechar os olhos.

Não existe mais nada para além deste querer
Querer sentar-me contigo
e contar-te o desnorte amargo das
minhas palavras
querer
continuar a adorar-te, apesar da dor de estômago.

Não te escondo que já me doeram todas as coisas
a vida, a não vida,
a voz, os cabelos, o pão
mas ao saber-te sentado no momento em
que abrir a porta
deus da secretária de madeira
pai-nosso, amor-meu!
tão existente quanto despojado das
grandes coisas
não há mundo nem ponta de estômago por
mais inflamada que esteja

que me impeçam
de não-doer.

MIGUEL-MANSO (1979-)

TUDO COMEÇA COM O PESO

com que tudo começa
o chão cogita os seus minérios e raízes
um eco pedregulha no silêncio
pendurado nas alturas
no fio desatado deste instante

a tarde inclina tantos graus
oura ao sopro brando
toca de leve a tontura
e à tortura dá abaulo rente e raso
o peso que ao livre-arbítrio desconvém

movem-se as massas de ar
as furnas encerram cada fenda cada furo
tudo tomba por dentro zunindo
de vertical vertigem atingido
porque é no próprio saltar que se poussa
porque é no próprio pouso que se cai

mas de que outra coisa falaria este poema
se não da mais pálida ideia que não faço

**?±

Uma potência deve resplandecer. Como se faz? Pelo brio e pelo deleite. O bom sacerdote tem um corpo fixo e outro fluido radiante: com o primeiro pratica o mundo nas coisas segundas, com o segundo pratica o mundo nas coisas primeiras.

Afazer para hoje: escavar na rocha uma igreja etíope.

Um búfalo caminha para a água. Céu e Terra ligados pela flauta da manhã. Rompe e emerge o dia sem autor, a um só sopro. As plantações celestes clareiam e encobrem, uma música extingue, outra música floresce. Este é o misterioso momento de uma vida delicada e primitiva. Água para um búfalo amanhecido. Iluminado. O gelo estala sob os cascos enlameados e um bando de estou-fracas dispersa ao primeiro pó. A densa escuridão perfumada do animal, a sua estrela, o edifício mínimo onde se ergue a noção, o ângulo e grau com que respira, tudo reflecte a ecologia de um núcleo sagrado perdurante por linha ao mesmo tempo agnática e uterina. É o dote bovídeo deste organismo calado.

A sua língua enorme toca o frio do pequeno lago, o lago estremece, a sua estrutura adapta-se à sede matutina do búfalo, dedica-se-lhe. É o dom mineral e aquático do lago. A manhã cresce em complexidade. É também ela um organismo vivo com a sua nomenclatura matrilinear. Estende as suas extensões. Reagrupa, redefine, reforça, delinea sistemas e padrões, identifica o que precisa de ser corrigido no mundo. Embora circunscrita, a manhã transcende o espaço e o tempo e abrange com a sua toalha todo o Multiverso.

As mulheres massais. O mercado de fruta em Libreville. Os prados do Burundi com seus longos chifres erguidos, lentos e braqueados do calor. Os nomes gerais e negros, os nomes enormes. Um gorila está sentado no Congo, tal-qual um poeta neste lugar da Europa e urdem, um e outro, no seu próprio idioma inaudível, uma espécie de treno, entrecortado de suspiros. Nas terras altas e verdes, nos planaltos interiores, nas áridas savanas despidas, nos cónicos vulcões adormecidos, no leito seco dos rios, no oco ocre das termiteiras, dentro das termiteiras, fora das termiteiras e em volta do pêlo amarelo das leas, na ramela triste dos tristes olhos dos poucos elefantes, nos arredores de Merca, no desenho dos rebanhos vistos do céu no Jibuti (nómadas de muito grau) em tudo isto atravessa um vento fóssil, fictício, sonhado, que tudo greta e tudo destapa. Como no eco das tribos e na fogueira das noites. Como no bater quadrupede de um coração rinoceronte dormindo sobre a erva do Parque Nacional. Mas igualmente como esse coração furtivo, encoberto, ávido de um humano caçador de troféus. E como o pigmento vermelho com que cobrem os corpos os Samburus, o povo-borboleta. E como se come algures o sorgo e o painço que amadurece no Outono. E também como o fumo confuso dos grandes aglomerados. Mas sobretudo como o esforço de Sísifo com que o escaravelho empurra a sua bola de esterco, também eu vou levando

estas palavras.

SENTADO COM A MARIA JOSÉ NA ANTIGA MESQUITA DE MÉRTOLA

botão de sintonia é o coração
faz correr sobre a escala do Silêncio
o fino ponteiro da escuta

o templo exala (juro, prometo) estranhas
salmódias, ladainhas fundas
corpos sonoros há muito percutidos
e que pedem pelos tempos captação

o sinal expande em toda a geometria
emana os seus perfumes
as abraâmicas modulações que tem um jardim
à sombra

e dentro dele uma espera
e dentro da espera (prometo, juro) um olhar
perguntando

que século fará lá fora?

AINDA SONHO QUE NOS TOCAMOS

rente ao penhasco dos ombros e postos
entre o pasto dos cabelos
dedos meus pairam como libélulas sobre
lóbulos
mamilos
a maxila

—————sem tocar

_____ e tocando
garças em ti levantam no folheto
das pestanas
os minutos alastram campo aberto
a cortina azul nos desvãos
da madrugada

uma buzina estronda ao fundo da aurora
enxota a barbatana do sono que arava à tona
um fio de luz vaza pelo rasgão da memória

_____escuto

qualquer coisa neste silêncio
te soletra

PRANTO PELO FIM DA JUVENTUDE

ó gloriosa senhora que tudo atinge
esquecei minha puberdade em algum Verão
passai os anos mui sucessivamente ao longe
esteja eu sempre rodeado de beleza e são

ponde depressa esta chuva no sequeiro
trazei a costumada amante soalheira
que ela enxugue meu destroço caloteiro
de uma antiga suavidade mais costeira

responde-me, quantas maldades te fiz
que não passo de um poeta a meia haste
se te traí foi por supor, foi por um triz
que era meu o que agora me apartaste

não subtraias mais este meneio, a eficácia
em que cultivo o escândalo com que protelo
até hoje fui raro freguês de uma farmácia
queria daqui p'rá frente continuar a sê-lo

seja eu claro enfim: não quero morrer
peço-o com medidas, rainha, não é para agiotar

conquanto a eterna questiúncula de nascer
pareça pior que os custos de me ausentar